



## RESENHA DA OBRA

BURKE, Catherine; GROSVENOR, Ian. **School**. London: Reaktion Books, 2008. 208 p.

### Espaço e Educação

Há três professores nas escolas: as crianças, os profissionais de educação e a arquitetura dos espaços de aprendizagem. Essa é a leitura que Burke e Grosvenor, autores de *School*, fazem do que veem em Reggio Emilia, cidade italiana mundialmente conhecida pelas propostas inovadoras de educação infantil. A arquitetura do interior das escolas na citada cidade italiana é desenvolvida de acordo com o que pensam e querem os alunos, pois os espaços de aprendizagem devem corresponder aos desejos infantis, não a decisões que adultos tomam em nome das crianças. Essa abordagem dos educadores de Reggio Emilia sinaliza um grande cuidado com o terceiro professor, com o ambiente em que desabrocha a aprendizagem. Começo essa resenha com comentário que os autores fazem sobre o que os educadores de Reggio Emilia chamam de terceiro professor. Faço isso para ressaltar que a arquitetura das escolas é um aspecto fundamental nos resultados da educação. Mas, infelizmente, as consequências educacionais dos espaços de aprendizagem não costumam ser abordadas nem por educadores, nem por arquitetos. Os autores de *School* reparam que o tema da arquitetura escolar não costuma fazer parte da preparação dos educadores. Entre nós, cabe perguntar se o assunto é abordado nas faculdades de Educação.

*School* é uma obra de dez anos atrás. Os leitores talvez estranhem minha escolha, pois esperam que resenhas tenham como objeto obras recentes, não livro que já completou década. Devo, por isso, justificar minha decisão. Meu argumento principal é o de que não apareceu nos anos posteriores à publicação do livro de Burke e Grosvenor qualquer obra que desenvolva novos aspectos sobre a arquitetura escolar na linha proposta pelos autores. Além disso, a obra em análise sistematiza aspectos que podem ser observados quando olhamos os ambientes escolares, tentando entender as consequências que eles têm para alunos, professores e comunidades. Há mais um motivo para esta resenha: *School* agora está disponível na internet para consultas, leitura e reprodução gratuitas em <https://epdf.pub/school.html>.

Antes de ler *School*, descobri a importância da arquitetura escolar para a educação a partir de um evento banal. No início da década de 1980, uma grande amiga acabara de assumir a direção de escola recém-inaugurada, planejada para incorporar inovações tecnológicas e oferecer aos alunos oportunidades de aprender fazendo em laboratórios muito bem equipados. Fui visitá-la e conhecer a escola que ela estava dirigindo. Dois locais da escola me chamaram a atenção: a sala da diretora e a sala dos professores. A sala da diretora era imensa, com dois ambientes, um com mesa de trabalho e mesa de reuniões para seis pessoas, outro com poltronas confortáveis, emulando uma sala de estar residencial. Nas paredes viam-se gravuras de artistas famosos. No chão, em ambos os ambientes, havia tapetes de muito bom gosto. O local ainda dispunha de uma pequena geladeira e estantes para acomodar livros e revistas. A sala dos professores ficava ao lado. Era pequena e acanhada. Havia uma mesa com cobertura de fórmica no centro, capaz de acomodar cerca de oito pessoas. Num canto, havia um aparador, também com tampo de fórmica, sobre o qual repousavam uma garrafa térmica e copinhos de papel para o café. As paredes eram nuas. O local não dispunha de recipiente para água. Professores sedentos deviam se deslocar para um bebedouro no corredor. Como o padrão do mobiliário na sala dos professores era muito inferior ao encontrado em salas de aulas e laboratórios, presumi que fosse uma improvisação, aproveitando móveis usados de um depósito que a mantenedora da rede daquela escola tinha para armazenar materiais inservíveis, doados posteriormente a instituições de caridade. Essa foi a primeira vez que intuí que a arquitetura escolar é um discurso tácito sobre valores e significados que sociedade e organizações conferem à educação escolar. Muitos anos depois, a leitura de um artigo publicado no *New York Review of Books* (LURIE, 2008) me fez retomar o interesse pela arquitetura escolar, despertado pelo contraste que observei entre a sala da diretora e a sala dos professores.

Alison Lurie observa que escolas dilapidadas, com poucos recursos, mal-conservadas, com móveis quebrados e banheiros sujos passam para professores e alunos a mensagem clara de que eles não valem muito. E essas mesmas condições sinalizam que a sociedade não dá muita importância à educação. Na mesma linha, a autora repara que escolas infantis com poucos brinquedos, geralmente quebrados, com ambientes de cores escuras, má iluminação, e pátios sem vegetação ensinam às crianças que elas não merecem um mundo melhor, mesmo que seus professores tentem lhes passar mensagens de otimismo. Por outro lado, escolas limpas, arejadas, com muita vegetação ao redor, e mobiliadas com bom gosto, mostram para professores e alunos que eles merecem respeito, e que a educação é uma atividade muito valorizada.

O artigo de Lurie faz referência a várias obras que abordam questões vinculadas à arquitetura escolar, em especial, *School*, livro de Catherine Burke e Ian Grosvenor. Minha primeira leitura de tal obra foi acompanhada por compartilhamentos sobre arquitetura e educação, via internet, com outros educadores e alunos de faculdades de Educação. Além disso, muitas referências arquitetônicas examinadas pelos au-

tores sugerem a busca de mais informações e imagens que podem ser encontradas na web. Por causa desses dois detalhes, vou nesta resenha fazer referência a algumas fontes do universo digital. Para tanto, usarei uma convenção que remeterá o leitor às fontes citadas, por meio de uma enumeração, que aparecerá em ordem crescente entre parênteses. Prefiro essa forma, bastante utilizada em artigos no campo da física, à convencional referência nos termos das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), pois isso permite que as fontes sejam indicadas apenas por suas respectivas URLs, sem necessidade de registro de data de consulta e nome de autores. Utilizarei referências convencionais apenas para textos publicados em papel.

Volto ao caso da sala da diretora e da sala dos professores. A mantenedora da escola tinha, na época, um programa institucional intitulado “valorização do trabalho”. Esse programa estava voltado principalmente aos docentes. A sala dos professores passava outra mensagem, a de que a docência não era um trabalho respeitável. Por outro lado, a sala da diretora gritava que o mais importante para a organização era a atuação dos gestores. A arquitetura contrariava o discurso explícito. A sala da diretora e a sala dos professores eram lições muito claras na educação de dirigentes, docentes, alunos e sociedade. O terceiro professor, no caso, ensinava que os docentes eram apenas peões de chão de escola e que a diretora, em sua sala de executiva de multinacional, era a estrela do empreendimento educacional ali desenvolvido.

Volto a *School* e relaciono alguns itens que a obra aborda sobre o discurso tácito da arquitetura escolar:

- prédios escolares na paisagem urbana
- imagens de alunos e professores na arquitetura de interiores
- visão do desenvolvimento do saber e ambientes de aprendizagem
- luz, natureza e saúde
- espaço para a comunidade
- limites financeiros e planos de construção
- novas tecnologias e espaços de aprendizagem
- o fantasma da segurança

## Escolas e paisagem urbana

No fim do século XIX e primeira metade do século XX, o prédio escolar destacava-se na paisagem urbana. Ele revelava como a sociedade via a educação escolar. Prédios escolares da época passavam uma mensagem clara sobre a importância que a sociedade conferia à educação escolar. Os autores de *School* destacam em sua obra os tradicionais prédios das *Board Schools* britânicas, construções de estilo marcante, anunciando publicamente que ali acontecia uma atividade fundamental. Os autores escolheram examinar a arquitetura escolar a partir do século XIX, uma

vez que, nessa época, emergiram os estados nacionais na Europa, evento histórico marcado pela unificação da Itália e da Alemanha. Aliás, seguindo um caminho iniciado na Prússia, a afirmação da nacionalidade alemã tinha na educação pública uma de suas marcas; e os prédios escolares construídos nessa parte da Alemanha serviram de modelo para edifícios destinados à educação na maior parte dos países europeus. Cabe observar que a importância da educação pública nos estados nacionais acentuava a necessidade de que os cidadãos utilizassem na fala, na escrita e na leitura um idioma cuja padronização muito dependia da escola. Na Itália, por exemplo, surge uma literatura infantil que se propunha a superar os muitos dialetos da península e estabelecer como padrão o italiano de Dante. O exemplo mais conhecido nessa direção é *Pinocchio*, um texto produzido para despertar o interesse das crianças para uma história contada no italiano de Florença, eleito padrão linguístico do país (WEST, 2009). Burke e Grosvenor registram discursos da época, os quais acentuam que os prédios escolares deveriam “ser planejados e construídos de maneira a mostrar sua dignidade”, planejados para mostrar publicamente a intenção de construir uma cultura nacional. Na mesma linha, ao se referirem à primeira escola espanhola que incorporava os novos valores de uma educação pública, desenvolvida em graus de ensino; e aos prédios escolares nos Estados Unidos de então, os autores escrevem:

[...] a primeira escola graduada aberta na Espanha [...] deveria promover e incorporar a ‘sabedoria do progresso’, como ‘palácio da educação’ e verdadeiro monumento ‘levantado em honra da cultura nacional’. Nos EUA, na mesma década, os reformadores da educação argumentavam que os prédios escolares de qualquer comunidade eram ‘indicadores de sua cultura’. E esses sentimentos não ficaram confinados ao início do século XX. Já em 1816, um relatório na Inglaterra apontava a importância crítica das escolas como fator de melhoria da ‘civilização geral’ das nações industriais, e, em 1930, o arquiteto Werner Moser argumentava que a escola ‘deveria ser o elemento dominante do grupo de construções que a cercam’, assim como ‘símbolo’ de cultura. (BURKE; GROSVENOR, 2008, p. 26-27).

No Brasil, prédios escolares como os descritos por Burke e Grosvenor aparecem alguns anos depois do surgimento das construções monumentais de escolas na Europa. Eles também eram construções que se destacavam na paisagem urbana como mensagens visíveis da importância que se dava à educação escolar. Alguns desses prédios sobreviveram nos novos tempos e ainda podem ser contemplados em nossas cidades. Em intercâmbios que mantive com educadores sobre o tema, merece destaque a busca efetuada pela Professora Doralice Araújo sobre antigos prédios escolares em Curitiba e no Pará (GRUPO..., 2010a, 2010b). Em seu blog, *Na Mira do Leitor*, Doralice publicou outras fotos de escolas do Pará e um belo texto sobre arquitetura escolar e educação pública (ARAÚJO, 2010). As imagens publicadas pela Professora Doralice têm contrapartidas em fotos que aparecem em *School*. Os prédios escolares do fim do século XIX e primeira metade do século XX são uma

mostra pública de que a educação tinha sua importância proclamada pela beleza e majestade dos edifícios que abrigavam escolas. Leitores interessados poderão ver fotografias e gravuras desses edifícios monumentais nas páginas 27, 29, 48, 53 e 60 da versão de *School* disponível na internet. Essa tendência vai desaparecendo com o tempo e os novos prédios escolares já não têm imagem marcante no tecido urbano. Os autores registram que, inclusive, antigos depósitos de grandes redes de lojas comerciais foram convertidos em escolas, mas permanecem com o mesmo exterior, sem personalidade, com a mesma identidade visual do tempo em que eram imóveis para armazenar mercadorias. Vale lembrar que, no Brasil, esse tipo de conversão foi bastante frequente na expansão das universidades particulares.

Um contraste marcante entre velhos e novos espaços de aprendizagem pode ser visto na Inglaterra. Após a Segunda Guerra, com a maioria dos prédios escolares em condições precárias (por falta de recursos ou por causa dos bombardeios), o país adotou uma solução de emergência para resolver rapidamente a falta de vagas nas escolas: contêineres pré-fabricados que eram acrescentados aos antigos prédios escolares. Em muitas localidades, a solução provisória dura até hoje, pois o custo dos contêineres é muito menor que o de construções definitivas. Em paralelo, no Brasil, é muito comum a existência de “escolas de lata”, solução também provisória, mas que pode durar décadas. De lata também são certos espaços escolares no estado de Utah, Estados Unidos (ESCOLA..., 2010). Esses e outros exemplos oferecem os contrastes mais gritantes com os prédios escolares da primeira metade do século XX, marcos arquitetônicos a proclamar a importância da educação.

## Professores e alunos na arquitetura de interiores

*School* examina a arquitetura das escolas a partir da metade do século XIX. Até então, a educação escolar ficava restrita à elite e os prédios escolares, com as características que atualmente reconhecemos, eram inexistentes. Na Europa e nos Estados Unidos, a época assinala o início da educação de massa. Para tanto, era preciso construir espaços que acomodassem grande número de alunos. Os autores ilustram o que aconteceu com base na experiência britânica, sobretudo, nas *Board Schools*, instituições escolares públicas organizadas em nível local. Os primeiros prédios escolares foram concebidos para acomodar, em um único espaço, todos os alunos. Eram, de certa forma, escolas de sala única, se desconsiderarmos os espaços para acomodar funcionários da limpeza, depósitos, áreas de manutenção e de aquecimento do edifício. O local de ensino propriamente dito era um enorme salão onde alunos e professores permaneciam a maior parte do tempo. E o espaço era organizado para que os alunos conseguissem ver o professor e para que este conseguisse ver todos os alunos. Por isso, a mesa do professor ficava sobre um estrado elevado, do qual era possível alcançar com a vista todo o ambiente. Na relação de ensino-aprendizagem predominava a ideia de que os alunos deveriam sempre estar atentos para o que o professor comunicava e o arranjo da arquitetura dos imensos salões escolares de então mostrava isso. A arquitetura mostrava o

que era ser aluno (ouvinte atento) e o que era ser professor (autoridade que decide o que os alunos devem aprender e os controla a partir de uma posição mais elevada). Outro arranjo arquitetônico para garantir que um grande grupo de alunos visse o professor e este, ao mesmo tempo, conseguisse ver todos os alunos, era o formato de galeria, com os alunos acomodados em sucessivas plataformas. Gravura antiga, reproduzida no livro na página 37, mostra uma dessas galerias com professor e alunos ocupando o lugar que a relação de ensino lhes atribuía. O leitor interessado poderá ver tal gravura na versão da obra disponível na internet.

Os autores fazem referência a outras escolas de sala única, muito comuns nos Estados Unidos. Essas escolas eram projetadas localmente para pequenas comunidades no interior do país. Eram muito pequenas, se comparadas com as imensas *Board Schools* britânicas, mas tinham um desenho de interior que revelava uma relação parecida entre professor e alunos. No entanto, as pequenas escolas do interior americano realçavam a ajuda que alunos mais avançados prestavam a alunos que sabiam menos. Além disso, essas escolas de sala única tinham vínculos muito fortes com a comunidade local. Vale aqui reproduzir nota que fiz sobre tal tipo de escola a partir de um *post* de Don Crowdis (A ESCOLA..., 2012):

Tal tipo de escola é uma instituição respeitável na história americana. Hoje, lembranças românticas da *little red school* projetam uma educação gentil, integrada, cooperativa, com fortes raízes éticas. Ficam esquecidos os aspectos negativos de tal escola. Má iluminação, aquecimento precário durante rigorosos invernos, pobreza de recursos, qualificação insuficiente dos professores, indisciplina, construção em terrenos inóspitos (a localização das escolas era determinada por limitações financeiras que não permitiam construção nos terrenos mais valorizados) são aspectos varridos da memória. Esse tipo de escola também existiu em outros países, porém, sem a importância alcançada nos Estados Unidos.

Além do texto introdutório que fiz sobre o tema, vale ler, na continuidade, o que Don Crowdis escreveu sobre sua experiência como professor em escola de sala única no interior do Canadá. Acrescento aqui informação necessária: Don Crowdis, provavelmente, não é conhecido nos meios acadêmicos; ele foi um agitador cultural que atuou em TV e museus; e a fama de Don nasceu de um fato interessante: ele era, aos 94 anos, o blogueiro mais velho do planeta; seus textos claros e elegantes conquistaram a blogosfera, e o que ele escreveu sobre a escola de sala única é um registro que vale a pena conhecer.

As escolas públicas europeias substituíram a sala única por salas menores para acomodar alunos por grupos homogêneos de idade e nível de avanço em seus estudos. No início do século XX, o ensino seriado se instala e se converte no modelo dominante da educação escolar. O modelo, segundo Burke e Grosvenor, surgiu na Prússia e foi imitado por outros países. Isso resultou em novas maneiras de organizar o interior dos prédios escolares. As escolas passaram a ter salas próprias para

cada série. Isso não mudou a velha relação entre professor e alunos, mas impediu a possibilidade do ensino verticalizado, em que alunos de diferentes níveis aprendem juntos. A escola seriada, hoje centenária, passou a ser um modelo que muitos veem como definitivo.

As escolas seriadas cresceram em tamanho, algumas delas comportando milhares de alunos. Os prédios tornaram-se impessoais, apenas espaços para acomodar uma massa de alunos que não se vê como uma comunidade escolar, mas apenas como uma turma isolada em uma das muitas salas assemelhadas que se sucedem ladeando um imenso corredor, cuja serventia é a de apenas facilitar circulação das pessoas até o destino final, sua classe. Os autores, ao se referirem às imensas escolas seriadas, impessoais e de massa, lembram que uma referência que merece ser vista no caso é o filme *High School*, documentário produzido por Frederick Wiseman em 1968. A escola retratada pelo cineasta americano tinha 4 mil alunos. Seu exterior não a distinguia de outros prédios em uma região de edifícios deprecados. Em seu interior, destacavam-se imensos corredores e salas de aula de modelo único. Infelizmente, a obra de Wiseman não está mais disponível na internet. Mas o YouTube ainda mantém no ar um segmento do documentário, no qual uma professora de literatura examina com seus alunos um poema cantado por Simon e Garfunkel (FREDERICK..., 2018). Além de mostrar parte de aula em que a docente busca desenvolver interesse dos alunos pela poesia a partir de uma melodia popular, é possível ver, logo no início, um dos corredores da escola. As imagens da sala de aula mostram um ambiente em que alunos são atentos ouvintes e a professora uma comunicadora que domina o cenário. O ambiente é bem conhecido, pois ainda é hegemônico em prédios escolares.

## **Visão do desenvolvimento do saber e ambientes de aprendizagem**

Os autores narram diversas iniciativas, que resultaram em arquitetura escolar capaz de mudar a tradicional relação professor/aluno, engessada em espaços que poucas mudanças permitiam em termos dos papéis tradicionais, definidos para ambos os atores de dramas de aprendizagem. Eles repararam que vários movimentos educacionais sugeriram que os alunos deveriam ocupar o palco em tramas de construção do saber. Para tanto, era necessário romper com salas de aula construídas para ouvintes, não para o trabalho ativo de desenvolvimento de saberes. E esses movimentos acontecem desde o surgimento da escola nova, com o primeiro experimento inovador conduzido por Dewey, em Chicago, a partir de 1898. Durante todo o século XX, apareceram diversos projetos que convertiam escolas em laboratórios, em vez de auditórios. Em alguns casos, como em Reggio Emilia, as crianças participavam ativamente na organização da arquitetura de interiores das escolas. Burke e Grosvenor analisam diversos projetos em que os prédios escolares foram concebidos tendo em vista o entendimento das relações do saber na escola, cuja direção podemos chamar de construtivista. Destaco dois casos analisados pelos

autores: a escola de ensino fundamental em Grafarholt, na Islândia, e *Crow Island Elementary School*, em Winnetka, Illinois.

*Crow Island* foi desenhada para que os espaços de aprendizagem de cada turma fossem um conjunto com área de trabalho, área de higiene e área de atividades internas, mudando substancialmente a concepção de sala de aula. Essas unidades de aprendizagem com diversos ambientes integravam-se com o jardim por meio de uma janela panorâmica. O arquiteto dessa escola observa: “Acima de tudo ela [a escola] deve ter a cara das crianças, não a cara do que os adultos pensam das crianças [...] Ela deve ser acolhedora, pessoal, e íntima, de tal forma que milhares de crianças através dos anos a chamem de ‘minha escola’” (BURKE; GROSVENOR, 2008, p. 102). Essa escola, construída nos anos 1940, é um marco arquitetônico americano. Para melhor apreciá-la, convém ver imagens que mostram uma concepção arquitetônica que revolucionou os modos de ver o desenvolvimento do saber na escola. Há várias referências na internet sobre *Crow Island Elementary School*. Algumas delas, com fotos e vídeos, aparecem em um post que publiquei no Boteco Escola (ARQUITETURA..., 2010).

O prédio de Grafarholti é uma escola sem salas de aula. No local, não há ensino dividido em graus, alunos de todas as idades e de diferentes níveis de aprendizagem estudam juntos. Pratica-se um ensino vertical, em direção parecida com o que acontecia nas pequenas escolas de sala única. O projeto islandês repercute ideias que vários arquitetos e educadores já haviam adotado anteriormente. Sobre esses movimentos, os autores escrevem que, nos espaços desenhados para favorecer cooperação, “as crianças mais novas aprenderiam com parceiros mais velhos em agrupamentos verticais” (BURKE; GROSVENOR, 2008, p. 128). Burke e Grosvenor analisam a escola sem salas de aulas, como segue:

Paredes e portas eram vistas, metafórica e fisicamente, como barreiras ao fluxo potencial e à conectividade que se acredita serem cruciais para a experiência de aprendizagem. Nesse sentido, as condições materiais devem espelhar as intenções pedagógicas. Assim, alguns educadores progressistas pensam que os arquitetos precisam desenvolver projetos construtivos para uma crescente variedade de atividades interconectadas, sempre prontas para que crianças e professores explorem problemas que elegem por sua própria iniciativa (BURKE; GROSVENOR, 2008, p. 128-129).

Em *School*, há descrições de outros projetos inspiradores. Muitos deles, aparentemente, tiveram um impacto imediato, mas com o tempo, seus propósitos foram esquecidos e os prédios escolares de concepções inovadoras acabaram sendo utilizados de modo tradicional. Um dos exemplos nessa direção é o *Countesthorpe Community College*, inaugurado em 1970, na Inglaterra. O prédio, em formato circular, foi concebido para o desabrochar de uma comunidade educativa, pois a planta do edifício favorecia o encontro dos alunos de todas as classes e eliminava corretores impessoais, que apenas facilitavam a circulação dos alunos até sua sala de



aula. Percorri as informações sobre o funcionamento do *Countesthorpe Community College* nos dias de hoje. A página oficial da escola (COUNTSTHORPE LEYSLAND COMMUNITY COLLEGE, 2019) aparentemente não reflete o empenho inovador que o *design* do prédio propunha meio século atrás. Mas a escola ainda é uma referência de ensino inovador, como mostra um documentário em vídeo disponível no YouTube (COUNTSTHORPE..., 2018).

## Saúde, comunidade e finanças

Como não disponho de espaço suficiente para aprofundar alguns dos temas que aparecem em *School*, elenquei três tópicos – luz, natureza e saúde; espaço para a comunidade; e limites financeiros e planos de construção – sobre os quais farei apenas breves registros. Nas primeiras décadas do século XX, cresceram preocupações com a salubridade dos espaços escolares. Essas preocupações acabaram tendo consequências na arquitetura e na didática. Muitos educadores começaram a elogiar iniciativas de ensino ao ar livre. Arquitetos tentaram construir escolas saudáveis, bem iluminadas, com móveis confortáveis e ergonômicos. Os autores exploram tal movimento e apresentam vários exemplos de projetos influenciados pela preocupação com a saúde de crianças e jovens nos espaços escolares.

Outro tema que aparece com destaque, a partir dos anos de 1930, e que ganha maior importância depois da metade do século XX, é a integração da escola com a comunidade. Do ponto de vista educacional, procuravam-se direções para superar o isolamento das escolas de seu entorno. Do ponto de vista arquitetônico, procurava-se desenhar espaços que não servissem apenas para atividades de ensino-aprendizagem, mas que fossem também equipamentos sociais que poderiam ser aproveitados pela comunidade para eventos cívicos, culturais e de lazer.

Finalmente, os autores apontam diversas consequências das limitações financeiras para a arquitetura escolar. Uma delas foi o movimento para se utilizar materiais mais baratos e de construção mais rápida. Em terras britânicas, esse movimento resultou no predomínio do uso maciço de concreto e vidro na construção de escolas. Importava cortar custos, não propostas pedagógicas inovadoras. Os edifícios funcionavam como fornos no verão e como geladeiras no inverno. Tal movimento entrou na história da arquitetura escolar com o rótulo de brutalismo. Exemplo de brutalismo é o *Pimlico Comprehensive College*, inaugurado em Londres em 1970. Foto do exterior dessa escola aparece na página 150 de *School*.

## Novas tecnologias e espaços de aprendizagem

No final da obra, os autores fazem algumas observações sobre o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação nos espaços de aprendizagem. Essas observações refletem lugares-comuns que estamos ouvindo continuamente nos meios de comunicação e em falas de formadores de opinião especializados em tecnologias digitais. Vale aqui dar a palavra aos próprios autores sobre o assunto:

As escolas têm sido associadas com aprendizagem e com distribuição do conhecimento desde o início do período moderno. Sua presença se tornou parte da paisagem ao lado de outras instituições familiares e facilidades comunitárias, como shoppings, hospitais, fábricas e escritórios. Novos entendimentos sobre aprendizagem, porém, assim como novos conceitos sobre o que é conhecimento, em conjunto com novos avanços tecnológicos, serviram para afrouxar a relação entre escolas e aprendizagem, e para desconectar escolas de edifícios. Por meio dos avanços nas tecnologias de comunicação, a escola moderna parece estar perdendo sua credibilidade como principal espaço de aprendizagem. Uma vez mais, o local de trabalho e o lar estão se tornando o lócus para mudança e inovação educacional (BURKE; GROSVENOR, 2008, p. 185).

*School* não apresenta qualquer exemplo de relação de prédios escolares com as novas tecnologias. Sugere que a introdução das tecnologias digitais nos locais de ensino não mudou ainda a arquitetura das escolas. Sugere também que, de modo geral, as novas tecnologias vêm sendo usadas sem que aconteçam mudanças radicais nos modos de ver a educação. Mas há um aspecto de uso de novas tecnologias que vem impactando os espaços escolares: a segurança. Abordo isso no item a seguir.

## O fantasma da segurança

Hoje em dia, os prédios escolares não focam, interna e externamente, a importância da aprendizagem. Sinalizam que sua função principal é, cada vez mais, a de proteger e segregar a parcela mais jovem da população. Muros altos, guaritas para seguranças, câmeras de vídeo por toda parte vêm mudando a arquitetura para os locais supostamente construídos para atividades de ensino e aprendizagem. A vigilância é, atualmente, o principal uso de tecnologia nas escolas.

Ao refletir sobre as observações de Burke e Grosvenor sobre o que anda acontecendo na arquitetura escolar por causa do fantasma da segurança, escrevi um *post* que examina as escolas fortalezas (ESCOLAS..., 2011). Cito aqui trecho do *post* publicado no Boteco Escola:

As escolas fortalezas acabam sendo justificadas por causa das “ruas”. Estas se tornaram sinônimo de perigo físico e moral. Tanto que aceitamos pacificamente a afirmação equivocada de que ‘é preciso tirar as crianças da rua’. Faz bastante tempo que o educador italiano Francesco Tonucci denunciou esse erro político. Aceitar, sem nada fazer, a deterioração dos espaços urbanos é uma das causas da escola-fortaleza. E mesmo em prédios escolares que não tenham sofrido mudanças arquitetônicas significativas, o modo de ver e administrar o espaço é determinado pela paranoia da segurança. Uma das coisas que as crianças aprendem na escola-fortaleza é medo.

## Observação final

Como já observei, minha primeira leitura de *School* foi compartilhada com educadores e alunos de faculdades de educação. Entre os educadores que dialogaram comigo na ocasião, destaco meu amigo José Antonio Kuller. Ele publicou em seu blog, *Germinal*, diversos textos sobre arquitetura e educação. Um desses textos merece leitura para complementar as observações que faço nessa resenha: *Arquitetura Escolar e Aprendizagem Cooperativa* (KÜLLER, 2009).

*School*, se considerarmos apenas projetos construtivos relacionados a conforto e bem-estar, não é um livro de arquitetura. A obra tem como preocupação central o que os prédios escolares revelam sobre ideias que a sociedade e os educadores têm sobre relações e significados da aprendizagem. É um livro que nos ensina como ler os prédios em que somos educados. E essa leitura acaba nos ensinando que um caso, como o da sala da diretora e a sala dos professores, revela mais sobre educação que os discursos explícitos sobre o tema. Vale ler *School* para aprender a ler as escolas na fisicalidade que esconde e, ao mesmo tempo, revela intenções, significados e valores sobre educação.

## Referências

ARAÚJO, Doralice. Arquitetura e educação pública. In: ARAÚJO, Doralice. **Na mira do leitor**. Curitiba, 29 jun. 2010. Disponível em: <http://namiradoleitor.blogspot.com/2010/06/arquitetura-e-educacao-escolar-publica.html>. Acesso em: 25 jul. 2019.

ARQUITETURA e educação: Crow Island School. In: BOTEÇO escolar: ensaios sobre o uso de blogs em educação. [S. l.], 6 jun. 2010. Disponível em: <https://jarbas.wordpress.com/2010/06/06/arquitetura-e-educacao-crow-island-school-2/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

BURKE, Catherine; GROSVENOR, Ian. **School**. London: Reaktion Books, 2008. Disponível em: <https://epdf.pub/school.html>. Acesso em: 25 jul. 2019.

COUNTESTHORPE Community College: world in action. [S. l.: s. n.], 8 abr. 2018. Publicado pelo canal de Mark McDermott. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KbcBSywbFyg>. Acesso em: 25 jul. 2019.

COUNTESTHORPE LEYSLAND COMMUNITY COLLEGE. Countesthorpe: CLCC, 2019. Disponível em: <https://www.clcc.college/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

ESCOLA de lata. In: BOTEÇO escolar: ensaios sobre o uso de blogs em educação. [S. l.], 31 jul. 2010. Disponível em: <https://jarbas.wordpress.com/2010/07/31/escola-de-lata/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

A ESCOLA de sala única de Don Crowdis. *In*: BOTEÇO escolar: ensaios sobre o uso de blogs em educação. [S. l.], 1 maio 2012. Disponível em: <https://jarbas.wordpress.com/2012/05/01/a-escola-de-sala-unica-de-don-crowdis/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

ESCOLAS como fortalezas. *In*: BOTEÇO escolar: ensaios sobre o uso de blogs em educação. [S. l.], 7 fev. 2009. Disponível em: <https://jarbas.wordpress.com/2009/02/07/escolas-como-fortalezas/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

FREDERICK Wiseman: high school (1968): extract: Simon and Garfunkel: the dangling conversation. [S. l.: s. n.], 24 abr. 2018. Publicado pelo canal Bob Bob. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_SEcCxKLwKA](https://www.youtube.com/watch?v=_SEcCxKLwKA). Acesso em: 25 jul. 2019.

GRUPO escolar: foto de Doralice Araújo. *In*: BOTEÇO escolar: ensaios sobre o uso de blogs em educação. [S. l.], 18 jun. 2010a. Disponível em: <https://jarbas.wordpress.com/2010/06/18/grupo-escolar-foto-de-doralice-araujo/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

GRUPO escolar, Pará. *In*: BOTEÇO escolar: ensaios sobre o uso de blogs em educação. [S. l.], 26 jun. 2010b. Disponível em: <https://jarbas.wordpress.com/2010/06/26/grupo-escolar-para/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

KÜLLER, José Antonio. **Arquitetura escolar e aprendizagem criativa**. São Paulo: Germinal, Educação e Trabalho, 16 fev. 2009. Disponível em: <https://germinai.wordpress.com/2009/02/16/arquitetura-escolar-e-aprendizagem-criativa/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

LURIE, Alison. The message of the schoolroom. **New York Review of Books**, v. 55, n. 19, 2008.

WEST, Rebecca. Afterword: the persitent puppet. *In*: COLLODI, Carlo. **Pinocchio**. New York: New York Review of Books, 2009.

### Jarbas Novelino Barato

Professor. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Tecnologia Educacional pela San Diego State University (SDSU). E-mail: jarbas.barato@gmail.com